



Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

www.inhauser.com.br / marcos@inhauser.com.br

www.pastoralia.com.br

TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

O ÍNDIO GALDINO E A BÍBLIA

Marcos Roberto Inhauser

Confesso que me surpreendi com o resultado do júri que julgou os quatro piromaníacos de Brasília. Tinha até rascunhado umas ideias, prevendo que o caso terminaria em pizza. Iria “provar” que o Galdino era culpado por ter morrido: era índio, não devia estar na cidade, estava dormindo em local impróprio, estava tão mal vestido que foi confundido com um mendigo, não foi esperto o suficiente para acordar a tempo de não se queimar, era fraco fisicamente para não aguentar uma brincadeira inocente, e criou uma montanha de problemas para uns pobres inocentes filhos de uma gente muito bem de vida. Talvez fosse o caso das famílias dos jovens processar a família do Galdino por danos morais, pois suas belezinhas foram expostas publicamente e passaram alguns dias reclusos em uma cela sem o conforto que as nobres famílias de Brasília merecem.

Quando soube da sentença, com todos os rolos prévios da desistência da promotora, da suspeição da juíza e quejandas, algo estalou em minha cabeça. Lembrei de um livro da Bíblia: o de Juízes. Nele se conta a história de homens e de uma mulher que, sem terem nascido nobres nem, em Brasília, sendo até insignificantes na estrutura social e política de sua nação, por razões que só Deus sabe, foram por Ele escolhidos para libertar o povo da escravidão e acabar com certos desvios.

Estes juízes não só eram pessoas simples como também usaram coisas fracas e sem poder para libertar seu povo. Gideão só teve trezentos soldados munidos de vasos e tochas para ganhar a guerra. Débora comandou um exército em uma sociedade machista. Sansão se associou a uma prostituta, perdeu as forças que provinham do seu cabelo e usou uma queixada de jumento para destruir um batalhão.

Na minha cabeça começaram a aparecer nomes recentes da história brasileira. Gente simples, sem significação social, e que foi usada para trazer um pouco de esperança nesta terra de impunidade. Veio-me à mente o José Carlos, aquele assassino confesso da esposa, que desmascarou a quadrilha dos “anões do orçamento”, dando os detalhes de cada traquinagem feita por eles.

Outro, foi o irmão do Collor, uma pessoa inexpressiva até então no cenário da República de Alagoas. Abriu a boca e o castelo de maracutaias ruiu. Depois veio aquele motorista que botou a boca no trombone, junto com a secretária (perdão por não me lembrar o nome deles, o que é imperdoável) de onde se cunhou a expressão “acabar em pizza”.

Mais tarde veio aquele motorista de caminhão, que abriu a boca e deu toda a CPI do narcotráfico e de roubo de cargas, com deputados estaduais e federais cassados ou renunciantes. Agora é o Galdino que provoca a comoção nacional ao ser o pivô de um caso judicial onde quatro filhinhos de papai são condenados, contrariando minhas previsões e de muitos outros que também não acreditavam que seriam julgados seriamente.

Foi um hemofílico, aidético e raquítico senhor quem moveu o Brasil para uma das mais fantásticas ações de cidadania: o Betinho. Nem toda a parafernália da Comunidade Solidária, com suas verbas e holofotes, fez o que o Betinho fez com seu carisma.

Parece que também, no Brasil, Deus quer usar as coisas que não são para confundir as que são.